



## **POLÍTICAS DO CORPO FEMININO: A(S) IDENTIDADE(S) FEMININA(S) EM ATLETAS DE GINÁSTICA RÍTMICA (GR)<sup>1</sup>**

Patrícia Luiza Bremer Boaventura<sup>2</sup>  
Alexandre Fernandez Vaz<sup>3</sup>

Ao contrário das práticas esportivas em geral, o universo da Ginástica Rítmica (GR)<sup>4</sup> caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente feminino, no interior do qual, leveza, beleza, graça e sensibilidade, são critérios indispensáveis para um elevado desempenho e se enquadram nas expectativas hegemonicamente destinadas às mulheres.

A essas expectativas correspondem idéias sobre o corpo, suas formas e sua capacidade, sugerindo uma conformação magra e longelínia, com força e musculaturas especificamente generificadas, sem abrir mão de todo um sistema de autovigilância e controle do peso que a manutenção desta forma de feminilidade exige e que é requisito para uma adequada técnica de movimentos.

Um dos elementos mais importantes do fenômeno esporte, sobretudo o de competição e mais ainda o de alto rendimento, mas não só dele, é o treinamento corporal<sup>5</sup>. Na GR, a notória exigência de treinamento pode ser observada no aperfeiçoamento da técnica que busca a potencialidade do corpo. Desta forma, as ginastas submetem-se a grandes esforços físicos, sacrifícios, abdições, obrigações, muita dedicação e empenho materializados por rotinas nos ambientes de treinamento e de competição. Esta pedagogia do corpo conforma-o em instrumento de aquisição técnica e estética. Afinal, na GR se produz uma feminilidade que deriva, em grande medida, com as técnicas corporais valorizadas na performance neste esporte.

---

<sup>1</sup> O trabalho é resultado parcial do projeto Teoria Crítica, Racionalidades e Educação II, financiado pelo CNPq (Auxílio pesquisa, bolsa de produtividade em pesquisa, bolsas de doutorado, mestrado, apoio técnico à pesquisa, iniciação científica, iniciação científica júnior).

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela UFSC, bolsista CNPq. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq), Florianópolis, SC. E-mail: cissaboaventura@gmail.com.

<sup>3</sup> Doutor pela Universidade de Hannover, professor dos Programas de Pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq). Pesquisador CNPq. Florianópolis, SC. Brasil E-mail: alexfvaz@uol.com.br.

<sup>4</sup> A Ginástica Rítmica, modalidade esportiva em que a condição feminina está em primeiro plano, alia a arte do movimento expressivo do corpo, com a utilização ou não de aparelhos (corda, bola, arco, maçãs e fitas) e a interpretação de uma música, no que se supõe formar uma síntese harmoniosa de elementos corporais e ritmo. (MOLINARI, 2004).

<sup>5</sup> Na sociedade contemporânea se produz, em grande medida, um corpo que busca atingir o máximo rendimento, tornando-o útil. Isso não é diferente no esporte, que parece ser um forte vetor a potencializar o domínio do corpo. Segundo Vaz (1999, p. 92), “sua importância (do processo de treinamento) não pode ser menosprezada, se considerarmos o quanto as identidades se constroem em torno do corpo, e o quanto a sociedade moderna está impregnada pelo princípio do rendimento, o quanto ela é esportivizada.”



É no interior deste quadro que intencionamos apresentar e discutir aspectos da construção de uma subjetivação feminina, a reprodução, mas também as novas configurações, de um “sujeito feminino”. As políticas do corpo no esporte são evidenciadas no treinamento corporal que *feminiliza*.

Tomando como registro a perspectiva etnográfica, realizamos, em 2008, uma pesquisa junto à equipe de GR da cidade de Timbó, município do Vale do Itajaí – SC. Nosso trabalho de campo incluiu treinamentos e uma competição<sup>6</sup>, os 21º Joguinhos Abertos de Santa Catarina, em Joinville, com observações sistemáticas e assistemáticas, além de entrevistas com atletas e treinadoras<sup>7</sup>. No total, foram realizadas cinco intervenções no campo e seis entrevistas semi-estruturadas com ginastas (2), e treinadoras (2), todas pertencentes à equipe de Timbó. Foram selecionadas para a análise<sup>8</sup>: 1) Luiza, vinte e nove anos, formada em Educação Física, treinadora e coordenadora da Equipe de GR de Timbó, árbitra e ex-atleta; 2) Carol, vinte e cinco anos, formada em fisioterapia, treinadora e fisioterapeuta da equipe, ex-atleta; 3) Gabriela, quatorze anos, estudante, ginasta há dez anos; 4) Eduarda, dezesseis anos, estudante e atleta desde os seis anos.

#### *Ginástica Rítmica: representações femininas*

Quando observamos o comportamento das mulheres no ambiente estudado, encontramos perfis considerados femininos que permitem uma demarcação identitária própria e confirmam as construções culturais das diferenças entre os gêneros feminino e masculino.

Em um primeiro momento, podemos perceber que o mundo do esporte era visto como eminentemente masculino, no qual as mulheres eram percebidas como uma espécie de “invasoras”, especialmente em determinadas modalidades esportivas. Se nos rastros da história do esporte encontramos vestígios que sugeriam aos homens as práticas corporais que solicitassem força, velocidade, resistência e potencialização muscular, para as mulheres indicava-se práticas que exercitassem a flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade nos gestos corporais (GOELLNER; FIGUEIRA; JAEGER, 2009). O campo esportivo produz e faz circular determinadas representações de masculinidades e feminilidades que são inscritas nos corpos, marcando a pele e os modos de

---

<sup>6</sup> Além das observações dos treinamentos, acompanhamos a equipe de GR de Timbó durante toda a competição, inclusive no alojamento durante os quatro dias de evento.

<sup>7</sup> Os personagens foram selecionados conforme a participação e relevância nos 21º Joguinhos Abertos de Santa Catarina de 2008. Além disso, as ginastas que competiram por Timbó fazem parte da equipe principal, buscando rigorosamente a performance e bons resultados nas competições.

<sup>8</sup> Existem mais personagens no campo investigado, mas para a construção deste trabalho, utilizamos apenas quatro “atores”.



viver de homens e mulheres (ADELMAN, 2006). “Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas” (GOELLNER, 2007, p. 184), podendo ser excludentes de práticas femininas e/ou masculinas em relação a experiências esportivas que historicamente não lhes foram “próprias”.

É neste contexto histórico que encontramos a GR como um campo feminino por excelência. A presença masculina não é comum nos espaços de treinamentos e o número de mulheres sempre é muito maior que o de homens<sup>9</sup>. Percebemos essa incidência feminina nas personagens desses espaços, onde atletas, treinadoras, árbitras são, na maioria, mulheres.

Apenas dois homens estiveram presentes no período de observação e nenhum deles permaneceu do início ao fim de uma sessão. Nas falas das atletas ficou claro que as características da GR determinam a exclusão do sexo masculino na modalidade e observa-se que a ausência de homens não se dá pela prática do esporte, mas sim, porque esta feriria, segundo as ginastas, as características ditas como “masculinas”.

Maquiagem, expressão. Assim, que nem... A expressão do rosto, a expressão, (...) não bem expressão, mas os movimentos que tu fazes com o corpo durante a música. Tipo, as ondas, essas coisas assim que é bem mais feminino. Porque um homem fazendo essas coisas fica meio “abichalhado” né? (risos). (Eduarda, ginasta, depoimento).

Durante a competição, apesar de apresentar participação masculina em sua torcida, a ginástica ainda se apresenta como uma área predominantemente feminina no Brasil. Outro fator importante, no qual a presença do sexo masculino foi bastante evidente, foi nos momentos de glória, ou seja, na premiação das medalhas e troféus durante a competição dos Joguinhos Abertos. Dentre as pessoas que entregaram a premiação, a maioria foi de homens.

“O orador da cerimônia final foi um homem. O diretor de desporto de Blumenau entregou as medalhas para as atletas. O presidente da Fundação Municipal de Esportes de Timbó entregou as medalhas às atletas. Outro homem entregou as medalhas para a equipe de Florianópolis”. (Diário de Campo – 16/09/2008).

Percebe-se um verdadeiro paradoxo entre as representações femininas e masculinas, especificamente na formação profissional. Os esportes, como reduto masculino, mostram que a maioria dos dirigentes esportivos é formada por homens de alto capital social<sup>10</sup>, como os diretores, presidentes, treinadores etc. Porém, no campo da GR, há uma inversão de poder. Apesar de alguns

---

<sup>9</sup> A Ginástica Rítmica ganhou uma versão masculina desenvolvida no Japão. Enquanto a versão feminina prima pela beleza da graciosidade e sutileza dos movimentos, a modalidade masculina exalta força e resistência combinando a ginástica tradicional feminina com arte marcial. Por ser um esporte ainda novo, as competições são realizadas sob a autoridade, mas sem o completo aval, da Federação Internacional de Ginástica (MENRG, 2010).

<sup>10</sup> Cada capital oferece um conjunto de recursos. O capital social está vinculado às relações de um grupo e o volume deste capital depende da extensão da rede de relações que um agente pode mobilizar e que pode estar ligado profundamente com o capital econômico.



homens participarem desse contexto da ginástica, os cargos mais importantes e “tipicamente masculinos” são ocupados, em maior quantidade, por mulheres que, por sua vez, têm autonomia para investir e desenvolver as técnicas da modalidade. Neste caso, os sujeitos “dominantes” são compostos pelas atletas, treinadoras, árbitras, auxiliares técnicas, coordenadoras etc. Assim, há pouco envolvimento masculino nessas práticas e influência direta no desenvolvimento deste esporte. Esse fato mostra-nos certo sexismo presente neste campo esportivo e é determinante na formação de identidades, neste caso, na independência feminina no que tange aos cargos de chefia.

### *3 As subjetivações dos corpos femininos*

Entende-se que há atributos que conformam um perfil comportamental para as mulheres. Ao mesmo tempo em que se apropriam desses valores, as ginastas também precisam se adequar a gestos e maneiras que as caracterizam como femininas, como destaca Eduarda ao referir-se ao futebol como *masculino* por ser agressivo, e à GR como *feminino* por ser mais “leve”. E também na constante busca em mostrar os sentimentos por meio da expressão dos movimentos, marca historicamente construída como feminina.

“Não que futsal seja masculino, mas é que, pelo menos aqui no Brasil, tem bem mais homem jogando futsal, futebol do que mulheres. E futebol é mais agressivo..... É mais..... Sei lá. É mais agressivo. E a ginástica já é mais.... Mais leve. Daí parece mais feminino.” (Eduarda, ginasta, depoimento).

“(...) Não adianta ter uma música lenta e fazer a série que nem um jato. Tem que sentir a música. Tem que mostrar o que a música pede. Tipo, se a música for bem lenta, uma música meio triste, tem que fazer uma cara mais... de sentimento... Também não pode chorar no meio da quadra né?” (Eduarda, ginasta, depoimento).

Na tentativa de suavizar os movimentos da ginástica, foram introduzidas músicas e aparelhos que exaltassem a feminilidade. Analisando a técnica, observa-se que a expressão corporal passa a constituir uma forma codificada pela feminilidade. As formas “de ser feminina” são configuradas por técnicas que, ao mesmo tempo, são extremamente treinadas, uma vez que para alcançar a feminilidade é preciso treinar para ela. Para isso, a ginasta necessita flexibilidade e força. Essa força não exclui o perfil feminino, ao contrário da Ginástica Artística (GA ou GO<sup>11</sup>), onde as atletas cultivariam qualidades “masculinas”, como força, virilidade, excesso de músculos e pouca preocupação estética, entendida como beleza, segundo as informantes.

A rítmica é mais glamour, mais leve. A olímpica, ela é um pouco mais turva, mais forte. Quanto mais bruta elas forem parece que é melhor assim. Uma é um perfil longilíneo e a outra é um perfil meio que... É... A menina é baixinha, musculosona assim. E na ginástica (GR) não. Eu acho que a Ginástica olímpica, por as meninas serem bem assim musculosas, a gente aí... ‘Ui, parece um menino fazendo né’, e aqui não. Pelo fato de precisar ter leveza, tu fazer balé e ter os movimentos mais clássicos... E o corpo mais longilíneo e magro. Eu acho que essa é a diferença que já se vê de longe assim. (Carol, Treinadora e fisioterapeuta, depoimento).

<sup>11</sup> Ginástica Artística é também denominada Ginástica Olímpica.



As marcas subjetivadoras observadas nas roupas, na maquiagem, na técnica corporal, nas posturas, nas posições de poder, entre outros, produzem e reproduzem determinados papéis que demarcam algumas características já estabelecidas socialmente. Segundo Bourdieu (2007), a *hexis corporal* integra a conformação propriamente física do corpo e a maneira de se apresentar (se vestir, se cuidar, se maquilar etc.), exprimindo o “ser profundo”, a verdadeira “natureza” da pessoa, segundo o postulado da correspondência entre o físico e o moral a partir dos “princípios de visão e divisão que levam a classificar todas as práticas segundo distinções redutíveis à oposição entre masculino e feminino.” (BOURDIEU, 2005, p. 41).

A analogia está na apropriação das condutas incorporadas pela prática esportiva. As ginastas e suas práticas são produzidas e se reproduzem por meio do esporte, afeiçoando disposições duráveis e transmissíveis, como se fossem parte de uma “natureza” que, no entanto, é socialmente desenvolvida.

“Gabriela estava escovando o cabelo e fazendo movimentos de Ginástica Rítmica. Falou para todas ‘Bem que escova podia ser um aparelho (de GR) né?’ Eduarda concordou e completou ‘Aposto que toda ginasta treina com a escova de cabelo’.” (Diário de Campo – 14/09/2008).

Podem-se apontar determinadas proximidades e semelhanças entre o processo de formação do sujeito e aquele do praticante de alguma modalidade esportiva. Observa-se que as atletas e treinadoras incorporam práticas específicas em suas relações sociais, vinculadas a uma forma de organização e a uma dinâmica específica, apropriando-se do esporte e conformando-o em um estilo de vida.

Sem embargo, nos treinamentos, as ginastas são disciplinadas; há por parte delas subserviência às regras, à rotina e à vontade de estarem incluídas, de uma forma bastante sofrida, mas que no entendimento próprio delas, é necessária para alcançar a máxima performance.

As preocupações com um corpo feminino, que atenda aos padrões estéticos necessários para garantir boas performances é ponto relevante para a escolha e a manutenção de ginastas em equipes que pretendem participar de competições. Na conformação do corpo ginástico, elas devem controlar o peso corporal e, para isso, precisam ter “força de vontade” para resistir às tentações e manter o peso.

“A atleta mais velha do grupo, a Eduarda, comentou que iria a uma festa no dia seguinte. A treinadora disse: ‘Na segunda tem balança! Vão aparecer todos os quilinhos a mais de cerveja!’ Fazendo piadas sobre o assunto, Eduarda comentou que não tomava cerveja e que iria se controlar na alimentação”. (Diário de Campo – 05/09/2008).

A exigência da manutenção do corpo físico é evidenciada e, segundo Porpino (2004, p.124), a concepção corporal ideal de beleza está centrada no corpo das ginastas olímpicas. É o padrão



olímpico “a ser copiado, desejado e imitado, mesmo que as condições para tal signifiquem sofrimento ou negação de estéticas próprias.” Na mesma direção, Boaventura (2008 p. 45) aponta que “esse corpo feminino deve ser esguio, com predominância de curvas, músculos tonificados, mas sem exageros, pois mesmo mais gordinho ou magrinho, ele não pode prescindir da dita feminilidade.” Observa-se esses aspectos em um depoimento:

Fazer uma dietazinha, se cuidar, isso elas cuidam. Sobre seu corpo, eu acho que tem que cuidar assim. Tem que ser bem magrinha. Eu prefiro ver ginasta magra, mas eu não sou neurótica de nenhuma forma assim. Eu as deixo bem à vontade, mas quando elas começam a errar no treino eu falo ‘Ah Eduarda não saltou porque a bunda ta grande’. ‘Ó, não segurou o pivô (giro) por quê? Ta com a coxa grossa. Não ta agüentando.’ Então assim, eu vou dando aos pouquinhos exemplos no treino que elas têm que ser magrinhas entende? Porque se eu falar, entra e sai né? Então eu espero o tempo certo de falar ‘Ah, não ta saltando hoje por quê? Que tu comeu? Tomou coca? Tomei.... Então ó, ta aí’. Sabe? Eu dou exemplos do dia a dia pra elas.” (Luiza, treinadora e coordenadora, depoimento).

O perfil da ginasta é composto por formas e capacidades eminentemente “femininas”, porém, além da incessante batalha contra o peso, pela perfeição técnica e corporal, o treinamento requer outros sacrifícios, como, por exemplo, suportar a dor e o cansaço oriundos da prática.

“As ginastas não fizeram o exercício corretamente e a treinadora parou tudo. Mandou-as começarem tudo de novo e gritou ‘Ou vocês fazem direito ou vão fazer quantas vezes forem preciso. Quero joelho esticado!’ As ginastas não falaram nada e fizeram o exercício novamente. Uma atleta encheu seus olhos de lágrima e olhou desesperadamente para mim. Ficou ali, na mesma posição, até o final e a treinadora tocava no seu joelho quando não estava estendido o suficiente. Depois que terminaram, em silêncio, fizeram uma ‘cara de sofrimento’<sup>12</sup>.” (Diário de Campo – 16/09/2008).

Para Vaz (1999), a teoria do treinamento desportivo partilha uma estrutura mais ou menos comum a outras técnicas e discursos de controle do corpo. Assim, como “os discursos relacionados à dieta, por exemplo, que também podem lançar mão de metáforas maquinais, é fundamental para o treinamento desportivo que haja uma separação muito clara entre sujeito e objeto”. (ibid., p. 102). É preciso (re)conhecer o corpo como objeto, ou não se pode treiná-lo, ou seja, é preciso, de certa forma, esquecer-lo para alcançar as exigências da modalidade esportiva.

Não basta ter um corpo perfeito ou esteticamente apropriado para a modalidade: “É preciso submeter esse corpo ao treinamento, para que a ginasta seja capaz de realizar as proezas mais difíceis e também mais belas.” (PORPINO, 2004 p. 125). O bom resultado de um treinamento requer uma atenção especial aos fatores estéticos que são intrínsecos à caracterização desta modalidade esportiva. Tampouco é suficiente, por exemplo, recepcionar um lançamento no tempo e espaço exatos e previstos, mas fazê-lo com graça, elegância, beleza. Ser flexível não é suficiente, é preciso saber utilizar-se da própria flexibilidade de forma expressiva, original e exuberante (ibidem).

---

<sup>12</sup> Lamentando a fraqueza na execução dos exercícios e o silêncio, definimos a expressão delas como ‘cara de sofrimento’.



Muitas vezes paga-se um preço para “ser mulher” ou “ser ginasta”, passando, com frequência, por incômodos dolorosos. Um momento explícito dessa forma é no penteado, caracterizado por um “penteado feminino” e que se torna necessário para demonstrar a beleza da modalidade.

“Luiza fez o coque de Gabriela. Quando estava fazendo o rabo de cavalo, Gabriela gritou ‘Aiiii!’. Luiza comentou ‘Doeu, mas valeu a pena. Não posso avisar vocês senão se retraem todas’. Na hora de colocar os grampos, Gabriela comentou ‘Não enfia o grampo no cérebro tá?’ Quando estava terminando, gritou novamente ‘Ai, ai, ai!’ Luiza perguntou ‘Tá firme?’ Ela respondeu angustiada ‘Muito!’.” (Diário de Campo – 15/09/2008).

Percebe-se, a partir desses relatos, a importância que é atrelada ao culto a beleza e os sacrifícios que em nome dela são exercidos. Beleza e sofrimento parecem manter estreitas relações. A primeira é uma qualidade que se impõe à base de sacrifícios corporais para adequação a um modelo de performance.

Quando pensamos que a feminilidade se constrói pelos adornos do corpo, surge uma necessidade da mulher utilizar diversos adereços. É preciso, então, ter um corpo especificamente produzido a fim de com ele demonstrar certa feminilidade. A ginasta propositalmente exagera os traços convencionais do feminino, exorbita e acentua marcas corporais, comportamentos, atitudes, vestimentas culturalmente identificadas como femininas.

### *5 Algumas considerações*

Ao considerar a Ginástica Rítmica um espaço tradicionalmente feminino, encontramos uma identidade construída pela expressividade, leveza, delicadeza e magreza. A conduta, a utilização de maquiagem, de roupas e acessórios femininos, os gestos, os aparelhos específicos da modalidade, e a técnica corporal, revelam um campo próprio de expressão das expectativas da beleza feminina. As atletas constantemente comparam seus padrões de beleza com outros esportes mais masculinos como, por exemplo, o futebol e a ginástica artística, para que, de alguma maneira, reconheçam e fortaleçam a sua própria feminilidade. Parece que a situação das ginastas se adapta bem à noção do corpo dócil, disciplinado, saudável, embora não seja um corpo propriamente frágil.

A busca pela performance e a beleza corporal faz com que as atletas sacrifiquem seus próprios corpos, visto que o objetivo é a perfeição técnica e estética, independente do sofrimento e da dor. Foi possível perceber como a dor e, a sua superação, estão presente nas aulas de GR durante o intenso trabalho corporal, além do conformismo pela convivência diária e constante com o sofrimento, encontrado principalmente no culto à beleza – por exemplo, na constituição do penteado característico desta modalidade.



Parece que para caracterizar tal modalidade é essencial evidenciar características vistas como femininas e como elas se constroem nesta prática esportiva. Dentre os fatores representados pelo corpo feminino destacamos: os adornos (a vestimenta, o penteado e a maquiagem); a suavidade, firmeza, beleza e elegância nos movimentos; a autovigilância e controle do peso; a busca pela técnica corporal por meio do sofrimento e da dor; a utilização de música e aparelhos na acentuação da expressão corporal; e, na conformação de um estilo de vida. Esses componentes técnicos e estéticos se mostram como elementos significativos na produção da beleza desta prática esportiva.

### 6 Referências

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*. Porto Alegre, vol, 12, n. 1, p. 11-20, maio/2006.
- BOAVENTURA, P. **Feminilidade, corpo e técnica: Sobre a produção da beleza na Ginástica Rítmica**. Florianópolis – *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)* - Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Desportos, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.
- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, p. 162-211, 2007.
- GOELLNER, S. **Mulher e esporte em perspectiva**. Disponível em < [http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/esporte\\_mulher.pdf](http://www.cbtm.org.br/scripts/arquivos/esporte_mulher.pdf). 2004.> Acesso em: 15/10/2009
- GOELLNER, Silvana V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio agosto, 2007.
- GOELLNER, S., FIGUEIRA, M., JAEGER, A. **Mulheres e esporte: modos de se fazer ver no skate e no fisiculturismo**. XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/III Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Salvador, Brasil, 2009.
- MENRG, MEN'S RHYTHMIC GYMNASTICS. Texto original em inglês: **Rhythmic Gymnastics is a competitive sport under the authority of FIG** (International Gymnastics Federation). Disponível em: Disponível em: < <http://www.menrg.com> >. Acesso em 20/03/2010.
- MOLINARI, A. M. da P. **Ginástica Rítmica: Esporte, História e Desenvolvimento**. 2004. Disponível em *site*: < [www.cdof.com.br/esportes4.htm](http://www.cdof.com.br/esportes4.htm) >. Acesso em 20/08/2008.
- PORPINO, K. Treinamento de Ginástica Rítmica: reflexões estéticas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 121-133, set. 2004.
- VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Cadernos CEDES**. Campinas, ano XIX, n. 48, ago, p. 89-106, 1999.